A reinstitucionalização do papel do professor: um profissional corporificado

Valesca Brasil Irala (PPGL-UCPel/UFPel-UNIPAMPA)

Em minha pesquisa em andamento sobre a construção do papel do professor de línguas estrangeiras (espanhol e inglês) na rede social *orkut*, tenho problematizado como a figura desse profissional tem sido construída em um ambiente que na origem não é institucionalizado, porém se re-institucionaliza pelas práticas de linguagem nascidas através dos gêneros engendrados pelas ferramentas que o *orkut* disponibiliza aos seus usuários. O professor constituído nesse ambiente não é o mesmo dos documentos oficiais, das teorias e pesquisas da Lingüística Aplicada e da educação, nem o que a esfera institucional credencia tradicionalmente. Esse professor "oficial" descorporificado e tomado como uma entidade abstrata é substituído por outras concepções que tratam de desfazer a barreira entre o privado e o público, entre o pessoal e o profissional, proporcionando uma agenda que atua no sentido de, por um lado, mover esse professor a ponto de permitir-se "tocar" por essa outra ordem ou, em um extremo disso, apresentar-se como um "profissional em tempo integral", conectado 24 horas. A análise dessas construções lingüísticas próprias desse universo virtual (amparadas no ambiente material) atua como uma reflexão necessária a ser assumida na pós-modernidade, quando a escola, a instituição, o professor, o aluno, a aprendizagem não são mais conceitos unívocos e, portanto, em contínua reconstrução.

Introdução

Comecei fortemente a acreditar que a "agenda" prescrita pela instituição escolar é, cada vez mais, contrastada com outras "agendas", podendo ou não assumi-las/ assimilá-las como também legítimas para o universo institucional.

Quando falo em "agenda" institucional educativa estou me referindo a um conjunto de rotinas que são mais ou menos padronizadas nas diversas salas de aula (e seu entorno), das diversas instituições de ensino, dos diversos contextos sócio-econômicos, em pontos geográficos variados. Essas rotinas, obviamente estão e (são) submetidas a transformações ao longo do tempo. Entretanto, não estamos livres de seguir um determinado "imaginário coletivo" que opera no sentido de criar concepções em torno das diferentes práticas que se dão no interior das instituições.

Tradicionalmente, o ambiente escolar é tratado como lugar de "profissionalização" da atividade do professor, a qual supõe a capacidade de "ensinar" e, em contrapartida, exige que se processe a "aprendizagem" de um conjunto de alunos, co-participantes dessa atividade profissional.

O professor, como "profissional", no exercício dessa prática, é estimulado ao longo de sua formação à "desconectar" sua profissionalização de sua vida pessoal, não

estabelecendo conexões entre o que pertence ao escopo de sua atividade docente e o que pertence a práticas sociais próprias da vida privada. A cena que vislumbro para tal situação é a seguinte: um professor que sai de sua casa, cumpre a temporalização de sua aula, retorna a sua residência e repete centenas de vezes a mesma rotina.

Esse professor é o que chamo de "descorporificado" (na minha leitura, até "robotizado") parece, pelo que já observei empiricamente ao longo de minha experiência na educação básica e no ensino superior, estar longe de ser uma exceção. Sem querer tender-me à crítica, não há como negar que esse processo de "descorporificação" está cada vez mais sendo posto em contraste com outras formas de conceber a "prática docente". Essas formas, longe de qualquer teorização, dão ênfase ao fazer cotidiano, ao afeto, à paixão, a relações menos assimétricas, à festividade, etc. (cf. as diferentes obras de Michel Maffesoli a respeito da "exigência reafirmada da proximidade", 2004, p. 23).

Essa "agenda" alternativa pode ser/é incorporada à rotina institucional em alguns contextos, não sem a possibilidade de "chocar-se" com a agenda tradicional. Em minha trajetória profissional, um exemplo típico desse professor alternativo foi encontrado em uma obra de ficção, escrita por Ziraldo em 1995, chamado "Uma professora muito maluquinha". As práticas dessa professora ao longo da história sintetizam um fazer docente, o qual conceituo como "reinstitucionalizado", porque traz, para o interior da instituição escolar, novas rotinas que podem ser/são auxiliares ou até mesmo centrais para o processo de aprendizagem – dinâmico desde sempre – mas hoje mais desafiante, por ser a todo momento exposto a centenas de inovações tecnológicas que bombardeiam o cotidiano, independente do que a escola, como lugar de excelência de aprendizagem, pode oferecer.

Minha visão "redentora" a respeito das "maravilhas" em torno da incorporação dos recursos tecnológicos no ensino hoje dá lugar a uma outra noção: o fator humano é primordial na relação de ensino-aprendizagem, sendo os recursos tecnológicos uma alavanca no fortalecimento do que se pode entender a respeito da interação entre professores e alunos. Não basta a tecnologia pela tecnologia, pois essa, aparte de qualquer interferência institucional está disponível em maior ou menos proporção a uma parcela significativa dos estudantes. O "diferencial" não é a máquina, mas a paixão em torno do que se pode fazer/dizer/aprender através dela, na interlocução com outros.

Quero poder associar a idéia de "reinstitucionalização" de práticas concernentes à atividade do professor à interação proporcionada pela internet entre professores e alunos e mostrar, por outro lado, que um certo imaginário coletivo em torno dessa atividade vem aos poucos se transformando, em um ritmo dissonante daquele que se poderia imaginar, aparte de idéias nascidas no âmbito da oficialidade (dos decretos institucionais, das leis, dos manuais de Didática, das pesquisas dominantes da área da Educação, etc.). A tecnologia digital tem ajudado a descentrar espaços de formação de opiniões, pois a princípio, o "poder da palavra" estava limitado a poucos. Hoje, proliferam blogs e sites em que qualquer pessoa com razoável manejo de algumas ferramentas é capaz de criar/referendar/construir "imaginários".

Na internet abundam imaginários em torno da figura do professor. Só para exemplificar, restringindo-me apenas às imagens, surgiram no Google[1] 13.300.000 possibilidades diferentes de registro para o substantivo masculino "professor" e 1.080.000 para o substantivo feminino "professora". Entre elas, a maioria são fotos de professores "reais", entretanto aparecem também "figuras", as quais se destacam por mostrar uma imagem predominantemente associada a uma pessoa de meia idade ou idosa, pouco sorridente e usando óculos.

Minha pesquisa atual se centra em verificar, como, no *orkut*, os usuários desse sistema, convertidos em usuários-alunos quando rememoram suas experiências nascidas na instituição de ensino (escola, universidade, escolas de línguas...), trazem/operam com a figura do professor, em especial, o professor de línguas estrangeiras (inglês/espanhol).

O orkut e a escola

Temos nos deparado nos últimos anos (mais precisamente a partir de janeiro de 2004) com o fenômeno virtual denominado *orkut*, que se auto-caracteriza como uma comunidade *on-line* que pretende promover um "ambiente de confraternização" entre seus usuários (informação retirada do site *orkut.com*). Na verdade, o *orkut* é bem mais do que uma comunidade, no sentido tradicional do termo, pois apresenta quase setenta milhões de usuários cadastrados, sendo quase 60% deles declarados brasileiros[2] (Wikipedia, [*on-line*]).

[1] Pesquisa em 12/09/2007, no site google.com
[2] Pesquisa em 17/09/2007, no site wikipedia.org

Nesse sistema funcional, possível de abarcar uma ampla diversidade de sujeitos, os quais se constituem e são constituídos pelos outros pela linguagem, podemos encontrar uma dinamicidade de atividades mediadas pelo artefato computacional e um sem-número de potenciais interativos orientados aos mais diversos sistemas de relações humanas (familiar, amorosa, profissional, estudantil, etc.).

A pesquisa em Lingüística Aplicada (doravante, LA), área do conhecimento de caráter interdisciplinar, segue (ou deveria seguir) algumas tendências, conforme reivindica Leffa (2001): especialização na diversidade; compromisso com a sociedade e a existência de fusões. Ao levar em conta essas três tendências aplicadas ou em vias de aplicação na LA (seria uma utopia?), tenho claro que a mais relevante é o compromisso com a sociedade. Sendo assim, se hoje o *orkut* ocupa no contexto brasileiro um papel relevante (apesar de sabermos o quanto ainda é possível falar em exclusão digital), torna-se tarefa da LA também a possibilidade de fornecer teorizações e compreensões sobre esse sistema, difundido entre tantos usuários em um curto espaço de tempo.

Poderia parecer inapropriado falar em "alunos" e "professores" se o *orkut* não é uma plataforma desenvolvida com fins educacionais, como o são os cursos a distância, os fóruns de discussão e *sites* para fins educativos, por exemplo. Entretanto, percebe-se que há um rearranjo de certas relações estabelecidas no domínio das interações face-a-face, principalmente porque um dos objetivos estabelecidos pelo site do *orkut*, além do de ampliar o diâmetro das relações de amizade, é o de fortalecer contatos originados nas naquelas interações. Porém, o interessante é que se as relações estabelecidas são deliberadas pelo próprio usuário (que poderá aceitar ou não uma solicitação de "amizade"), é viável interpretar como e de que forma certos contratos sociais originados em situações reais são ou não transpostos para o ciberespaço.

Encontrar no *orkut*, entre as diversas manifestações identitárias complexas possíveis em cada sujeito, algum indício que remonte ao status de que possa residir nele um "aluno" ou um "professor" (em alguns casos ambos) não é tarefa complicada, pois facilmente o usuário se revelará (por meio de seu perfil auto-construído ou pelas comunidades que aderir) ou será revelado por outros (pelos testemunhos e *scraps* deixados pelos seus amigos).

O que há no *orkut?*

A primeira ferramenta disponibilizada pelo sistema é a construção do perfil. Esse tem três possibilidades de incursão por parte do usuário: social, profissional e pessoal. Nem todos os usuários lançam mão de todas as informações que podem ser disponibilizadas através do perfil, porém, para esta investigação, além do que pode ser revelado pelos dados do perfil profissional (muitas vezes inutilizado pelos usuários), torna-se interessante o que o usuário revela no espaço destinado a descrição livre sobre si mesmo. Aqui, encontramos aquilo que Foucault (1994) denominou de "técnicas de si", onde o indivíduo se constrói como sujeito.

É relevante apontar que o sujeito se põe ou não como professor ou como aluno explicitamente naquilo que seria o "cartão de entrada" nas páginas pessoais dos usuários. Em termos bakhtinianos, denota-se na constituição de si, inevitavelmente, outras vozes. Essas vozes não se dão exteriormente, mas configuradas em uma "fronteira interior" que se constrói tanto pela "lei do discurso" (dos enunciados) como pelo meio histórico, materializado pela formação de gêneros originados de uma relativa estabilização desses enunciados (cf. Authier-Revuz, 2004, p. 27).

Uma outra ferramenta, que acaba multiplicando-se, é a possibilidade de cada usuário aderir à comunidades de interesses comuns. Existem comunidades de alunos e ex-alunos de professores, comunidades de escolas de educação regrada, universidades (e seus respectivos cursos) e também escolas de idiomas, etc. Alunos e professores, mesmo sem manifestarem em seus "cartões de entrada" tais status, ao se somarem a essas comunidades também estão marcando-se identitariamente e revelando concepções sobre as práticas educacionais as quais estão inseridos e que vozes oriundas dessas práticas os marcam.

Ferramenta bastante usual e que viabiliza de maneira mais concreta a interação entre os usuários é o envio de *scraps* (recados). Os *scraps* são comentários que qualquer usuário poderá receber em sua página, tanto pelos "amigos" já adicionados como por qualquer membro do *orkut*. Nas primeiras versões do sistema, para responder aos comentários, o usuário deveria entrar na página pessoal do usuário que lhe enviou, pondo em prática uma competência hipertextual necessária para desenvolver a interação com os demais usuários, porém, com as atualizações disponibilizadas no sistema, abaixo de um recado recebido, aparece um *link* em azul com a palavra "responder", onde, de dentro da própria página pessoal é possível enviar

a resposta ao outro usuário, sendo automaticamente essa resposta anexada à página daquele.

Uma outra ferramenta interessante para a análise dos perfis de professores é o envio de "testemunhos", que, após serem aceitos pelo usuário, estarão disponíveis em sua página principal, podendo ser lidos por quaisquer membros do *orkut.* Só é possível o envio de testemunho para um usuário que já faça parte da rede de amigos pessoais. O testemunho poderá ou não ser aceito, o que denota um certo "gerenciamento" às atividades desenvolvidas por outros usuários, diferentemente do que ocorre com os "scraps", que são inseridos nas páginas pessoais independente da vontade de seus donos.

Essas ferramentas engendram novos gêneros de discurso, entendidos por Bakhtin (2003, p. 262) como "tipos relativamente estáveis de enunciados". Esses gêneros digitais, para Marcuschi, "criam novas formas de organizar e administrar os relacionamentos interpessoais", proporcionando um novo "enquadre participativo" (2004, p. 17) . Nesse novo enquadre, várias instâncias interativas parecem recobrar padrões de outros gêneros (como aqueles próprios das instituições de ensino, por exemplo) e de alguma maneira, redefini-los.

Possibilidades de teorizações

Em contato com dezenas de comunidades destinadas a professores e a outras dezenas de depoimentos de usuários-alunos enviados a professores de línguas (restringindo-me aos de inglês e espanhol), encontro de maneira recorrente a presença de signos que se associam àquilo que podemos chamar de "traço de popularidade", ou seja, pela "desoficialização". É nesse sentido que os olhares dos alunos no *orkut* em direção aos professores de línguas me parecem um ponto de partida para a compreensão daquilo que Maffesoli chama de "senso-comunologia" (MAFFESOLI, 1987) e que de alguma forma, complementa-se com a "visão carnavalesca de mundo" de Bakhtin (1999).

Maffesoli é um sociólogo francês que nos últimos trinta anos tem formulado em suas obras a existência de uma "centralidade subterrânea" (2004, 2006) que se relaciona a uma "socialidade" assentada no cotidiano, na ligação entre os sujeitos, na afetividade por eles compartilhada, abrindo espaço para uma "visão desde dentro"

(1987, p. 16), a qual promove uma atitude compreensiva do pesquisador, nas palavras dele, um "observador social".

A validade de trazer a "centralidade subterrânea" como fio condutor de uma análise que se propõe a conceber o olhar do aluno materializado discursivamente no *orkut* para compor "papéis" aos professores de língua é pertinente na medida em que é possível depreender uma vivência corrente nessas formulações, dadas por meio de relações orgânicas efetivas, espontâneas, não-configuradas para tornarem-se objetos de pesquisa e sim, estando-já-aí em um cotidiano vivido em comum.

O cotidiano vivido em comum nos estabelecimentos de ensino, embora (re)territorializado pela esfera virtual, é passível de ser re-descoberto e re-singularizado para contrapor-se a impessoalidade das instituições "visíveis" do Estado (Maffesoli, 2004, p. 74) para marcar de forma divertida, festiva, contemplativa ou até mesmo irônica os "resíduos" que o institucional (tanto o normativo dos estabelecimentos de ensino como o normativo das pesquisas) insiste em ignorar.

Esse saber do senso-comum permeia toda a obra de Maffesoli e nos indica sob que formas esse popular acaba por manifestar-se. Em "O tempo das tribos" (2006) ele abordará a emergência das redes, dos conjuntos efêmeros próprios do "neotribalismo" das megalópoles modernas. Entretanto, os conceitos apresentados nessa obra se prestam também a compreender o *religare* sincrético promovido na esfera virtual e a entender o poder do "vínculo", da "experiência comum", do "afetual" que tem invadido tanto o espaço profissional vivido pelo professor na instituição como em outros espaços, como por exemplo o virtual, onde a fusão de vivências pessoais e profissionais acaba sendo fortalecida.

A esfera virtual e, em particular, as relações que se estabelecem em sites de relacionamento como o *orkut*, aparecem como cenário específico de co-participação entre sujeitos em diálogo com outros cenários, sejam eles materiais (como uma sala de aula, por exemplo), sejam eles também virtuais (como os programas que permitem comunicação sincrônica, por exemplo, o MSN Messenger). Parece produtivo, portanto, acreditar que as experiências do mundo material sejam dialogicamente recriadas através da esfera virtual e com isso, a existência concreta dessas experiências se reconstruam discursivamente, ativando, pela linguagem, novas ordens de ação no mundo. O interessante é que certas hierarquias socialmente surgidas no mundo material podem e são rompidas/subvertidas/revistas na esfera virtual. Aqui, remeto-me

ao exemplo concreto do que se entende como “aluno” e do que se entende como “professor”.

É bem verdade que embora hoje não se vislumbre nenhuma rigidez no que configuram esses dois papéis, é aceitável que tenhamos socialmente ativados alguns direcionamentos a respeito de que ações estariam imbricadas na construção dos mesmos. Esses direcionamentos são dotados de oficialidade e tendem a consagrar uma certa estabilidade de regras e padrões de comportamento.

Bakhtin, no livro “A cultura popular na Idade Média e no Renascimento” (1999), embora voltado para um *corpus* literário como a obra de François Rabelais, ajuda-nos a compreender que existe uma diferença de princípio entre as posições oriundas da “oficialidade” (no nosso caso do contexto professor-aluno, as idealizações advindas das pesquisas, das teorias de aprendizagem e das metodologias, as prescrições escolares, etc.) e as relações humanas de ordem não-oficial, ou seja, aquelas que embora ocorram no interior de um meio oficial (como o escolar) incorporam elementos dessa oficialidade para reinventá-los.

É assim que o conceito de “carnavalização” proposto pelo autor pode ser útil nas análises que se propõem a promover a compreensão dos papéis de professor materializados em enunciados de alunos no *orkut*. Esse conceito está fundamentado na abolição provisória das relações hierárquicas, na ridicularização cômica e festiva e no uso de formas verbais familiares e populares (compostas de grosserias, expressões e palavras injuriosas).

A cosmovisão carnavalesca, sob a ótica bakhtiniana, pode se reatualizar em contextos virtuais como o *orkut*, pois o contato livre de caráter verbal que podemos encontrar nos diversos enunciados produzidos nas diferentes ferramentas desse site dão indícios de que fenômenos próprios da carnavalização podem ser constantes.

O professor no *orkut*

O cotidiano vivenciado nas instituições de ensino acaba sendo rememorado pelo aluno-usuário para mostrar (denunciar?) duas concepções opostas de professor: a primeira dá lugar ao aparecimento de signos como os apresentados na Figura 1, encontrados em depoimentos variados à dois professores de língua (um de inglês e outra de espanhol), os quais nos remetem ao que Maffesoli (1998) chama de “ética das situações”. Essas situações estão impregnadas de atenção “à paixão, à emoção, numa

palavra, aos afetos que estão impregnados os fenômenos humanos" (p.12). A segunda, relata a figura de um professor "odiado" (Figura 2). Pelos olhares institucionais, a descrição dessa figura parece retratar um cenário de violência. Discursivamente, a incorporação de elementos da degradação carnavalesca, analisados por Bakhtin (1999) estão aí presentes. Essa degradação simbólica a qual sofre o professor, impõe, pelo destronamento, o reforço de que no "acabamento" (morte) ressurja um novo perfil de profissional.

Figura 1 – signos positivizados em torno do professor e/ou de sua atividade

Os signos presentes na Figura 1 são categorizados, em sua maioria, como próprios de um espaço cotidiano diferente daquele que a instituição escolar tradicionalmente tem assumido. Não há, em geral, nas diferentes correntes pedagógicas, ênfase em tais procedimentos/padrões de comportamento como substanciais para compor aquilo que se entende como "prática docente". Aquilo que se entendeu como "Pedagogia Nova" parece ter incentivado práticas hoje trazidas à tona pelos alunos-usuários no *orkut*, quando deslocou-se do eixo do intelecto para o sentimento (cf. FOGAÇA & GIMENEZ, 2007, p. 165), entretanto, naquela corrente pedagógica, tal deslocamento era propício porque poderia ser eficaz na recuperação de indivíduos rejeitados socialmente, os quais deveriam ser "corrigidos".

Hoje, a relevância do que estaria no escopo do "sentimento" não são trazidas à tona pelas "autoridades educacionais", mas sim reverenciadas por aqueles que vivenciam o cotidiano da escola, os alunos. De posse do "poder" de dizer "coisas"

sobre o universo escolar, os alunos-usuários do *orkut* deliberadamente trazem para o espaço institucional signos que são comuns na vida privada, como “diversão, paixão, brincalhão, etc.”, mas tradicionalmente pouco usuais em uma sala de aula.

Defino esse processo como de “reinstitucionalização” do papel do professor, no qual, práticas legítimas da vida privada são incorporadas às rotinas didático-pedagógicas, sendo essas positivizadas pelos alunos-usuários que as rememoram no site *orkut*.

Por outro lado, e não menos freqüentes, são comuns em comunidades para professores no *orkut* (sejam de línguas – meu foco aqui – sejam de outras disciplinas) a presença de práticas discursivas denunciativas ou depreciativas, as quais, parecem incorporar elementos “carnavalizados” para movimentar conceitos em torno desses profissionais.

Os sentidos dados à palavra “professor” nos enunciados construídos nessas comunidades veiculam noções que extrapolam a legitimidade institucional dada ao longo do tempo a esse profissional, com a presença de vocábulos como os apresentados na figura 2:

Figura 2 – signos negativizados em torno do professor e/ou de sua atividade

A maioria das descrições presentes nas comunidades analisadas (em um total de 5 destinadas a professores de língua apresentados negativamente) remete a uma

corporificação, embora não muito precisa, sobre os professores. Elementos corporificados parecem ser recorrentes quando alunos querem tipificar tanto positivamente quanto negativamente seus professores. Essa corporificação é sinalizada tanto nas descrições feitas pelos donos das comunidades quanto pelos comentários dos membros que a elas aderem. A maioria desses elementos não se refere à atividade docente, mas a aparência física dos professores mencionados. Há também referência às rotinas da sala de aula em comentários como "não pode brincar na aula dela, não pode fazer nada", porém, essas rotinas parecem não sobrepor-se ao paradigma "corporificado" assumido por esses alunos, muito pelo contrário, aparecem como reivindicações em torno da necessidade de uma certa "festividade" para o ambiente escolar.

O grotesco entra em cena para referir-se a um "inferno cotidianizado" (a sala de aula), o qual assume, pela linguagem, o "destronamento dos poderosos" (DISCINI, 2006, p.64), ou seja, dos professores. Recorrer a ridicularização do professor parece operar como uma desconstrução do olhar institucional, corporificado grotescamente.

O que parece ser crucial tanto em uma concepção quanto em outra é justamente a existência ou a falta de um "deixar-se tocar" por parte do professor. Os professores que "merecem" receber depoimentos elogiosos em suas páginas (ocupando, para além dos portões da instituição, sua condição de "professor", ao estar também conectado e expondo no *orkut* práticas de outras esferas, que não a profissional) são corporificados em torno de traços que extrapolam a relação institucional e remetem tanto ao "festivo" da cosmovisão carnavalesca bakhtiniana quanto ao "ludismo" pós-moderno anunciado por Maffesoli.

Por outro lado, o professor "negativizado" é ridicularizado também de maneira corporificada, através de denúncias em torno de um conhecimento deficitário (menos recorrente) ou de adjetivações grotescas (mais recorrente). Tais atitudes constroem no universo virtual uma rede de significações em torno desse profissional e de sua prática, a partir de noções nascidas fora do escopo da "oficialidade", embora pareçam, aos olhos dessa, banais e superficiais.

(In)conclusões parciais

Esse artigo apresenta-se como uma tentativa de sistematizar idéias e conceitos advindos do trabalho de dois teóricos: Mikhail Bakhtin e Michel Maffesoli para

repensar categorias pertinentes para a análise dos papéis atribuídos aos professores na rede social *orkut*. Esses autores, advindos de áreas diferentes, complementam-se ao trazer para suas reflexões categorias que podem ajudar o pesquisador a rever o papel da ciência e das instituições na constituição dos discursos que orientam padrões de comportamento e de procedimentos, no caso específico, a respeito do "professor".

Ambos autores mostram-se preocupados tanto com a des-hierarquização dos valores adquiridos na sociedade como "preferíveis" ou "verdadeiros" e apresentam de certa forma a ciência como uma das responsáveis pela manutenção da assimetria entre o que se revela como "correto" e "incorreto", dando-se nas diversas esferas sempre por intermédio da linguagem.

Os enunciados de usuários-alunos para/sobre os professores de língua retratam um apagamento na antonímia público-privado, que se instaura pelo reconhecimento de novas práticas interativas entre alunos e professores, condicionadas por esse apagamento com uma conseqüente reinvenção de características positivadas e negativizadas pelos alunos no interior das instituições educacionais.

Entre as positivadas, o afeto parece ocupar a centralidade nessas interações, seguida pela redução da assimetria entre professores e alunos, legitimada por ambos. Entre as negativizadas, opera-se o contrário: a ausência do afeto e da proximidade surgem como representação dessa negativização. Tais práticas de linguagem simbolizam um espaço interlocutivo de relação intersubjetiva que pode ampliar e modificar vínculos, o que, de alguma maneira, é facilitado pela desistitucionalização própria do suporte virtual, capaz de (re)institucionalizar-se pela linguagem.

Considero primordial para a LA o desenvolvimento de pesquisas que conduzam teorizações capazes de compreender a relação entre a transposição de interações institucionalizadas para um meio desinstitucionalizado, como é o caso da relação entre professores-alunos de línguas estrangeiras no *orkut* e de alguma maneira, produzir práticas de sala de aula que levem em conta essas novas instâncias de comunicação e seus efeitos.

O "orkut", fenômeno social e virtual de grande repercussão no Brasil, apresenta-se como um nicho de pesquisa interessante para diversas áreas, entre elas os estudos da linguagem. Articular categorias e pensamentos de autores diversos para equacionar análises de distintas ordens parece ser um desafio que muitos pesquisadores estão convocados a percorrer.

Referências

AUTHIER-REVUZ, Jaqueline. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec / Brasília: Editora da Universidade, 1999.

_____ *Estética da criação verbal*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

DISCINI, Norma. "Carnavalização". In: BRAIT, Beth. (org.). *Bakhtin*: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006. p. 53-94.

FOGAÇA, Francisco Carlos & GiMENEZ, Telma Nunes. O ensino de línguas estrangeiras e a sociedade. *Revista Brasileira de Lingüística Aplicada*. v. 7, n.1, 2007. p. 161-182.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 2***.** Rio de Janeiro: Graal, 1994.

LEFFA, Vilson J. A lingüística aplicada e seu compromisso com a sociedade. Trabalho apresentado no *VI Congresso Brasileiro de Lingüística Aplica*. Belo Horizonte: UFMG, 7-11 de outubro de 2001.

MAFFESOLI, Michel. *O conhecimento do quotidiano*. Lisboa: Vega, 1987?

_____ *Elogio da razão sensível*. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____ *Notas sobre a pós-modernidade*: o lugar faz o elo. Rio de Janeiro: Atlântica, 2004.

_____ *A sombra de Dioniso*: contribuição a uma sociologia da orgia. 2 ed. São Paulo: Zouk, 2005.

_____ *O tempo das tribos*. 4 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MARCUSCHI, Luis Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: _____ & XAVIER, Antônio Carlos (orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

ZIRALDO. *Uma professora muito maluquinha*. São Paulo: Melhoramentos, 1995.